



Vigiar sem Punir? O Aprimoramento do Sistema Global de Vigilância Digital Capitalista Baseado nos *Big Data* e na Inteligência Artificial Generativa

Illyushin Zaak Saraiva

Resumo - Em “Vigiar e Punir”, Michel Foucault introduz uma nova ferramenta de análise social via estudo dos sistemas de vigilância e punição presentes em espaços estatais modernos, como hospitais, escolas e prisões. Mas é na “Aula de 11/01/1978” onde Foucault sistematiza, dentro do seu conceito de biopoder, a análise sobre os mecanismos de poder e seu papel de controle social dentro das estruturas políticas. No contexto de surpreendentes mudanças vivenciadas a partir da posse de Donald Trump em janeiro de 2025, com ataques e violações aceleradas aos direitos e liberdades de imigrantes e cidadãos estadunidenses, incluindo tentativas de criação de sistemas de vigilância ‘ideológica’ digital contra residentes naquele país, este trabalho, a partir do conceito do *panóptico Foucaultiano*, realiza análise inicial sobre o uso sistemático e invasivo das tecnologias de comunicação pelo capital dominante, desde finais do século XX, mas com maior visibilidade na década de 2010, com investimentos bilionários, para vigiar e controlar bilhões de cidadãos através de suas conexões às redes sociais via computadores e smartphones, destaque aos vazamentos de informações sigilosas realizados por *whistleblowers* em iniciativas como *Wikileaks*, além do uso massivo de *fake news* para gerar comoção e interferir no jogo democrático.

Palavras-chave: Autoritarismo; Direitos Humanos; Vigilância Eletrônica; Relações de Poder; Desinformação em Massa; I.A. Generativa.

1. Introdução

O ano de 2025 provavelmente ficará na história como um marco de profundas - e na maioria das vezes, completamente inesperadas - mudanças no cenário mundial, tanto em aspectos políticos, culturais e de relações internacionais, quanto em termos de aprofundamento da acumulação capitalista no ocidente, com o crescimento da preponderância do capital financeiro no processo de reestruturação produtiva neoliberal via intensificação do corte radical de direitos sociais e trabalhistas, e redução de gastos em políticas sociais, além do aprofundamento de outros movimentos estruturais tais como a consolidação do poder das empresas de tecnologia da informação, as chamadas Big Tech - cujos proprietários participaram em Washington como convidados de honra à posse presidencial em janeiro -, a partir do retorno da extrema direita à presidência dos Estados Unidos na pessoa de Donald Trump.

Além de alcançar em menos de um ano de mandato um cenário interno descrito por alguns como “pré-guerra civil” (Arbex, 2026), tamanhos a profundidade e o número de violações de Direitos Humanos cometidos, os Estados Unidos lograram alterar ou anular regras de comércio internacional vigentes há décadas, colocando em xeque as bases do multilateralismo construídas ao longo da segunda metade do Século XX pelos próprios estadunidenses, à época os maiores interessados nesse sistema, mas que devido à preponderância da China a partir dos anos 2000 como maior parceiro comercial e principal fornecedor de produtos industrializados para a maioria dos países, buscam, através de uma espécie de *‘Luta entre Civilização e Barbárie’* (Belluzzo, 2026) - manifesta através de medidas como o chamado ‘tarifaço’ que impôs unilateralmente tarifas de importação de até 100% para alguns países, além de ameaças de invasão a dezenas de nações e do efetivo bombardeio de oito, e do sequestro cinematográfico do Presidente Venezuelano democraticamente eleito - principalmente enfraquecer o avanço da hegemonia Chinesa, conquistada segundo certos autores justamente por ter o gigante asiático abandonado o neoliberalismo, usando um Estado forte para proteger seu mercado, investir em tecnologia e induzir o desenvolvimento (Kobori, 2026).

Tendo em vista a similitude, a sintonia e as profundas relações entre as ações, métodos e objetivos da extrema direita norte-americana, e o bolsonarismo e as movimentações e táticas da extrema direita brasileira durante os últimos 10 anos - entre eles o negacionismo científico, a ascensão de seitas pseudo-cristãs racistas e anti democráticas ligadas ao fundamentalismo neopentecostal, e as tentativas deliberadas de tomada violenta do poder tais como as invasões do Capitólio em janeiro de 2021 e da Praça dos Três Poderes em janeiro de 2023 - julga-se que o trabalho está duplamente justificado, já que além da aplicação do modelo teórico de Foucault aos cenários fáticos brasileiro e norte-americano, no campo mais concreto contribui com pistas ou hipóteses acerca das peripécias a se realizarem no Brasil nos próximos meses.

O texto encontra-se dividido em 6 seções, sendo esta Introdução, seguida pela Análise Foucaultiana e os Sistemas de Vigilância; pelas Revelações de Snowden: a “Prova do Crime”; pelo Papel da Mídia: De Construtora da Percepção Social a Orientadora das Campanhas de Fake News; pelas Considerações Finais e, finalmente, pelas referências.

2. A Análise Foucaultiana e os Sistemas de Vigilância

O título deste trabalho faz referência direta a uma obra hoje considerada clássica dentro das Ciências Sociais, o livro *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault, publicado originalmente em francês no ano de 1975 e que constituiu-se em uma nova ferramenta de análise da sociedade a partir do estudo dos sistemas de vigilância e de punição presentes em vários espaços estatais modernos como hospitais, escolas e prisões (FOUCAULT, 1987).

Sem risco de grande pecado, contudo, pode-se considerar que a *Aula de 11 de janeiro de 1978* é onde Foucault apresenta de forma realmente sistemática e organizada – *dentro do seu conceito de biopoder* – a análise sobre os mecanismos de poder e seu papel de controle social dentro das estruturas políticas (FOUCAULT, 2008).

Para Foucault os *mecanismos de poder devem ser entendidos como elementos de uma estratégia geral de poder, dentro da espécie humana*, e que a partir do século XIX, com a evolução da sociedade rumo ao capitalismo industrial, passam a existir como um poder disciplinar difuso e não mais centralizado, normatizando e reproduzindo todas as relações sociais, um poder exercido diretamente sobre os corpos das pessoas para torna-los aptos ou capacitados ao funcionamento ‘adequado’ às exigências da sociedade (FOUCAULT, 2008).

Para além de todas as estruturas de ‘inteligência’ e espionagem historicamente conhecidas, na forma de departamentos ou agências governamentais oficiais, a comprovação pela literatura especializada, na década de 1990, da existência de uma complexa infraestrutura de vigilância eletrônica, o chamado sistema *Echelon*, criado através de cooperação entre Estados nacionais de fala anglo-saxã, EUA, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, então capazes de interceptar milhões de ligações telefônicas pessoais e comerciais de caráter privado (à época ainda análogas) diariamente, através de ferramentas de reconhecimento digital de voz, além da detecção de milhões palavras ou termos preestabelecidos em mensagens de e-mail de bilhões de pessoas; para além de materializar simbolicamente um cenário *Orwelliano* tal como em “1984”, demonstrou o acerto das proposições Foucaultianas (CAMPBELL, 2000).

Talvez, contudo, tenha-se como a maior mostra da capacidade de acerto das proposições Foucaultianas, e muito provavelmente o maior exemplo moderno do **poder vigilante** do Estado disciplinador, uma transposição quase perfeita do *panóptico* proposto por Foucault para a sociedade do final do século XX e início do século XXI: o monitoramento constante de bilhões de cidadãos através de câmeras de vigilância e, como o exemplo ainda mais assertivo do panóptico digital mundial, através da vigilância a todos os tipos de acesso dos cidadãos à rede virtual de computadores, seja através das redes sociais, seja meramente acessando navegadores de internet ou realizando atividades corriqueiras pelo celular, seja realizando buscas em *websites* como Google, seja utilizando um aplicativo de rotas para planejar uma viagem com a família, etc., como revelado por Edward Snowden em 2013 (WRIGHT; KREISSL, 2013).

3. As Revelações de Snowden: a Prova do Crime

As revelações de Edward Snowden, ex-analista de inteligência da CIA, e de Bradley Manning, ex-militar norte-americano, com literalmente milhões de arquivos secretos, incluindo telegramas diplomáticos das diversas embaixadas estadunidenses que comprovavam o cometimento de diversos crimes e violações de Direitos Humanos, além de filmagens mostrando o assassinato de civis opositores aos governos de países como Iraque e Afeganistão, feitos por Drones pilotados pelos militares dos EUA, provocaram tal reação por parte da sociedade civil em diversos países ocidentais – *embora tenham provocado também um recrudescimento contra as iniciativas de divulgação de documentos secretos como Wikileaks, que terminou por aprisionar o ex-militar Bradley Manning e o fundador do Wikileaks Julian Assange, e forçou o próprio Snowden a se exilar permanentemente na Rússia, fugindo da espionagem norte-americana que tentava aprisioná-lo a qualquer custo* – que, apesar desses vazamentos não terem objetivamente desconstruído sequer 1% do trilionário aparato de vigilância enfim revelado ao público, trouxeram aos estudiosos de diversas áreas o material mais que necessário para fundamentar novas teorias acerca da vigilância moderna no sistema capitalista, com enfoque nos sistemas de vigilância digital descritos (RADACK, 2013; CLARK, 2020).

Além dos vazamentos sobre a espionagem governamental contra os cidadãos, citados acima, outras metodologias ilegais e secretas de coleta de informações da população civil por parte das próprias companhias *big tech* que gerenciam as redes sociais, como Google e Facebook, têm vindo à tona e se transformado em fonte de pesquisa sobre a vigilância digital, especialmente após a divulgação do escândalo sobre a empresa Cambridge Analytica, que usou ilegalmente dados de dezenas de

milhões de eleitores norte-americanos, fornecidos pelo Facebook, para a campanha do ultra-direitista Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, e similarmente, também utilizou dados do perfil no Facebook de milhões de cidadãos britânicos para a campanha ultraconservadora do ‘Brexit’ antes do plebiscito que selou a separação do Reino Unido da união alfandegária e aduaneira do continente europeu (CADWALLADR; GRAHAM-HARRISON, 2018).

Mais recentemente, especialmente após a surpreendente campanha presidencial brasileira de 2018 (onde o candidato líder das pesquisas com 41% foi aprisionado por um juiz que em janeiro se tornou ministro do candidato adversário), o uso massivo das *Fake News* responsáveis pela vitória do candidato protofascista – *através da disseminação de ameaças completa, absurda e infantilmente fantasiosas, como o ‘kit gay’, ‘invasão comunista’, entre outras que sabidamente levaram os eleitores mais conservadores a se polarizar dentro do guarda-chuva bolsominion* – veio à tona através de reportagens-bomba, especialmente a matéria da jornalista Patrícia Campos Mello, às vésperas do segundo turno, demonstrando a natureza milionária daquela campanha de desinformação classificada pela autora como ‘industrial’, que contou com o financiamento de mega empresários pró-fascismo, e tinha em sua cadeia de produção centenas de empresas responsáveis por aferir a percepção popular via pesquisas, produzir o material desinformativo voltado a cada nicho específico, e distribuir as *fake news* nos milhares de grupos de Whatsapp (MELLO, 2018).

Essas revelações acabaram por produzir uma reação por parte das empresas proprietárias dos *big tech*, preocupadas em ter sua imagem associada aos recém revelados esquemas de mentira em massa. Contudo, muito embora tenha havido anúncios de mudanças no funcionamento das redes sociais e, em alguns casos, a exclusão de perfis sabidamente dispersores de campanhas de desinformação, não parece que as redes sociais se tornaram efetivamente mais seguras no que diz respeito à disseminação de *Fake News*.

Em investigação publicada em junho de 2018, por exemplo, a jornalista Tatiana Dias, do Intercept Brasil, demonstrou que embora empresas como Facebook e Google tivessem alegadamente investido milhões de dólares contra a divulgação de *Fake News*, elas eram uma das principais causas do problema (DIAS, 2018).

Entretanto, apesar das derrotas de Trump em 2020 e do protofascista brasileiro em 2022 (*o que poderia significar uma fraqueza do sistema de desinformação via Whatsapp e redes sociais da extrema direita, em relação à mobilização de apoio popular*), o fato é que o retorno do próprio Trump à Casa Branca de forma surpreendente em janeiro de 2025, além do poderio demonstrado por ele em realizar prisões e deportações em massa, cortar verbas e subsídios bilionários a Universidades, alterando legislações de forma ilegal e tentando demitir milhares de trabalhadores

federais, tudo isso em menos de 1 ano, sem que o legislativo ou o judiciário estadunidenses tenham apresentado qualquer reação ou impedimento *de facto* à altura (ACLU, 2025), além da relativa desenvoltura com que a extrema direita brasileira segue mantendo mobilizado seu eleitorado exclusivamente com base em mentiras surpreendentemente descoladas da materialidade objetiva (SILVA, 2023; CASARÕES, 2022), é preciso reconhecer que, somado ao poder de vigilância total acima descrito, o sistema de manipulação ficcional da realidade através das redes sociais tem sido a principal arma, trunfo e ferramenta política de intervenção da nova extrema direita no ocidente ao longo dos últimos 20 anos.

4. O Papel da Mídia: De Construtora da Percepção Social a Orientadora das Campanhas de Fake News

Contudo, não são apenas as redes sociais as responsáveis pela disseminação de mentiras em níveis industriais. Qualquer bom analista da realidade brasileira é forçado a reconhecer o papel da grande mídia, por exemplo, na criação da campanha “bélica” contra a então presidenta Dilma Rousseff, que terminou por levar milhões de eleitores a acreditarem na falácia de que a mandatária havia se envolvido em atos de corrupção, sendo finalmente substituída por seu ex-vice-presidente que cuidou de eliminar em poucos meses todo um conjunto de conquistas sociais construídas durante o governo trabalhista de 2003-2015.

E mesmo nesse caso, o papel da mídia dando suporte à destruição das políticas sociais no período pós-golpe foi essencial para o sucesso do golpe, conforme Fagnani (2017) que demonstra que as medidas de desmonte pós 2016 foram não apenas injustificáveis, **como foi necessário criar e massificar-se falácias sem qualquer fundamento** via televisão, whatsapp e outros meios de desinformação habilmente usados pelos setores dominantes, tratando diretamente da questão relacionada ao falseamento da realidade por parte dos meios de comunicação de massa empresariais brasileiros, tendo papel de ‘*orientadores*’ de uma imensa campanha de desinformação para desconstruir as conquistas do governo trabalhista, sendo o monopólio do “*domínio da ‘pós-verdade’*, *utilizado em massa nas redações das corporações jornalísticas criado para encobertar as conquistas em termos de redução da desigualdade de renda e de riqueza.*” (FAGNANI, 2017, p. 6) durante os governos trabalhistas de 2003-2015.

Mais recentemente, durante a pandemia Covid 19, o papel dos canais tradicionais da mídia corporativa em sustentar fake news ficou evidente nos Estados Unidos através do julgamento do canal de extrema direita Fox News, acusada de efetuar uma campanha para enganar a população e disseminar desinformação visando negar e minimizar os perigos do coronavírus (O’NEIL, 2000),

em sintonia com as ações negacionistas do primeiro governo de Donald Trump, responsável por 400 mil mortes em seu último ano de governo, maior valor em números absolutos entre todos os países do globo (PBS, 2021).

O papel da Fox News como 'impulsionadora' de Fake News também foi confirmado com o pagamento de US\$ 787 milhões pela Fox à empresa Dominion Voting Systems, fabricante das máquinas de votação das eleições dos EUA, por ter a Fox News disseminado em massa acusações sem provas de que as máquinas foram fraudadas para tirar a vitória de Donald Trump, alegações que, repetidas pela própria Fox News e outros canais de extrema direita, foram em grande parte responsáveis pela invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021 (BALTUS, 2024).

No Brasil, a associação entre a indústria de *fake news* e supostas autoridades científicas e acadêmicas foi evidente ao longo de toda a pandemia Covid-19, em busca de conquistar confiabilidade para as notícias falsas ao instrumentalizar médicos negacionistas, empresas de saúde e a estrutura de "infodemia" para legitimar tratamentos ineficazes, como o então em voga 'tratamento precoce' defendido pelo presidente protofascista. Essa estratégia funcionou ao conferir um verniz científico e autoridade técnica a informações falsas, criando um "falso dilema" entre ciência e "liberdade" de tratamento (GALHARDI et al., 2020), sendo o caso mais chocante, talvez, a confirmação de que o Conselho Federal de Medicina aprovou, mesmo reconhecendo sua ineficácia, o 'tratamento precoce' defendido pelo governo fascista (DIAS et al. 2021).

E já em 2025 durante o segundo governo de Donald Trump, os canais de extrema direita em todos os espectros da Internet têm sido responsáveis por disseminar as justificativas conservadoras (*suposta burocracia estatal excessiva nos EUA, existência de milhares de imigrantes envolvidos em atividades criminosas, por exemplo, entre outras justificativas completamente inverossímeis*) para que o governo federal siga tentando demitir servidores técnicos em massa ou aprofundar a política de segregação em massa disfarçada de política imigratória (FOWLER; JOFFE-BLOCK, 2026).

A Fox News mais uma vez ganha destaque, desempenhando um papel central no governo de Donald Trump em 2025, atuando tanto como uma plataforma de anúncio para as citadas políticas de deportação, quanto como um espaço sempre disponível para que os secretários e assessores-chave de Trump possam argumentar abertamente sobre suas ações controversas, praticamente sem qualquer controvérsia ou contradição por parte dos 'jornalistas' do canal. Programas da Fox como *The Ingraham Angle* e *Fox & Friends* servem de plataforma para que o "czar da fronteira", Tom Homan, e a secretária Kristi Noem reafirmem os argumentos do governo Trump sobre imigração, como o de que "qualquer imigrante ilegal é elegível para deportação", além de notórias inverdades sobre os imigrantes nos EUA (HOMAN, 2025).

Outra característica marcante dessa associação é a presença de ex-jornalistas e comentaristas da Fox News em postos chave do Governo Trump, como o próprio Tom Homam, durante muitos anos um comentarista de extrema direita da Fox News, que no segundo governo Trump foi nomeado "czar da fronteira", sendo um dos principais arquitetos e executores das políticas de invasão de cidades opositoras por soldados do ICE, levando a milhares de detenções e dezenas de mortes, num cenário que infelizmente tem características inconfundíveis de que está em implantação uma estrutura de 'Ministério da Verdade' (ORWELL, 2024).

5. Considerações Finais

Este trabalho, no contexto de surpreendentes mudanças vivenciadas a partir da posse de Donald Trump na presidência dos Estados Unidos em janeiro de 2025, com ataques e violações aceleradas e inéditas aos direitos e liberdades de imigrantes e cidadãos estadunidenses, incluindo tentativas de criação de sistemas de vigilância 'ideológica' digital contra residentes naquele país, teve como objetivo realizar, a partir do conceito do *panóptico Foucaultiano*, análise inicial sobre o uso sistemático e invasivo das tecnologias de comunicação pelo capital dominante, desde finais do século XX, mas com maior visibilidade na década de 2010, com investimentos bilionários, para vigiar e controlar bilhões de cidadãos através de suas conexões às redes sociais via computadores e smartphones, destaque aos vazamentos de informações sigilosas realizados por *whistleblowers* como Edward Snowden em iniciativas como *Wikileaks*, além do uso massivo de *fake news* para gerar comoção e interferir no jogo democrático

Partindo dos elementos apresentados anteriormente acerca das técnicas de vigilância e monitoramento político-ideológico da população dentro do capitalismo no Século XXI, e dentro das condições modestas desse estudo, chega-se à conclusão de que há inegavelmente em funcionamento uma máquina poderosa voltada a exercer vigilância completa e permanente contra os cidadãos trabalhadores, de forma não apenas a detectar e identificar revoltas ou posicionamentos contrários ao sistema de dominação, mas também, a até mesmo evitar essas revoltas, como nos casos citados da eleição e reeleição de Trump, do Brexit e da eleição do presidente brasileiro empossado em 2019, vencido felizmente nas urnas em 2022 e agora preso, todos esses, exemplos de que o capital tem agora a capacidade de desinformar o eleitorado num nível nunca antes imaginado.

O caso da desinformação sistemática durante a Pandemia Covid-19, laboratório no qual a extrema direita testou - à custa de centenas de milhares de mortos que hoje era para estarem vivos - o poderio de sua máquina de *fake news*, incluindo as associações com grandes redes de jornais e televisão corporativos para dar credibilidade às notícias falsas, além da especificidade brasileira

onde empresas de saúde, médicos e até mesmo o conselho de Medicina deram sustentação às mentiras sobre eficácia do chamado tratamento precoce à base de cloroquina, fica marcado como início de uma metodologia que até hoje é aplicada - inclusive vastamente utilizada na reeleição de Trump, trazendo alerta para o sistema democrático em todos os países.

A contribuição teórica de Foucault, especialmente sua análise sobre os mecanismos de poder e seu papel de controle social dentro das estruturas políticas, mostra-se assim não apenas pertinente para explicar os fenômenos do passado, como os descritos em sua obra aqui citada, mas também se encaixa perfeitamente na análise e leitura dos fatos do presente, consubstanciados nos modernos instrumentos de vigilância (uma espécie de panóptico digital) e nos modernos mecanismos de poder (prisão e punição dos whistleblowers, por exemplo), além da fábrica de mentiras que ironicamente também pode ser remetida ao ‘ministério da verdade’ descrito por Orwell.

Referências

ALTMAN, Breno. **Trump Mostrou que EUA são a Única Superpotência Global**. 08 jan 2026.

Entrevista ao Brasil 247. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/entrevistas/breno-altman-trump-mostrou-que-eua-sao-a-unica-superpotencia-global>>. Acesso em 31 jan. 2026.

ARBEX, José. **Trump vai Levar os EUA a uma Guerra Civil**. 09 jan. 2026. Entrevista ao Canal ICL. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0iFec84c-uw>>. Acesso em 31 jan. 2026.

BALTUS, Howard. Rupert Murdoch's Media Empire: A Strategy of Influence and the High Cost of Misinformation. In: **Democrats Abroad**, 30 ago. 2024. Disponível em:

<https://www.democratsabroad.org/341101/true_fake_news>. Acesso em 31 jan. 2026.

BUMP, The Unique Role of Fox News in the Misinformation Universe. In: **The Washington Post**, 08 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/politics/2021/11/08/unique-role-fox-news-misinformation-universe/>>. Acesso em 31 jan. 2026.

BELLUZZO, Luis Gonzaga. **Belluzzo alerta para “luta entre civilização e barbárie” e diz que vitória de Lula é crucial**. 28 jan. 2026. Entrevista ao Brasil 247. Disponível em:

<<https://www.brasil247.com/economia/belluzzo-alerta-para-luta-entre-civilizacao-e-barbarie-e-diz-que-vitoria-de-lula-e-crucial>>. Acesso em 31 jan. 2026.

CADWALLADR, Carole; GRAHAM-HARRISON, Emma. Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach. In: **The Guardian**, 17 mar. 2018.

Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>>. Acesso em 17 nov 2025.

CAMPBELL, Duncan. Global Surveillance: The Evidence for Echelon. In: **Proceedings of the Tenth Conference on Computers, Freedom and Privacy: Challenging the Assumptions**, pp: 149-154, 2000. Nova Iorque: Association for Computing Machinery. ISBN: 1581132565.
<<https://doi.org/10.1145/332186.332274>>.

CASARÕES, Guilherme. O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema direita no poder. In: **Journal of Democracy em Português**, v. 11, n. 2, 2022. ISSN: 2527-1369.

CLARK, Louis. Truth and Justice Require a Snowden Pardon. In: **Daily Caller**, 15 dez. 2020. Disponível em: <<https://dailycaller.com/2020/12/15/clark-truth-and-justice-require-a-snowden-pardon/>>. Acesso em 17 nov. 2025.

DIAS, H.S'A.; LIMA, L.D.; LOBO, M.S.C. Do 'Mais Médicos' à pandemia de Covid-19: duplo negacionismo na atuação da corporação médica brasileira. In: **Saúde em Debate**. v. 45, pp. 92-106. dez. 2021. <<https://doi.org/10.1590/0103-11042021E207>>.

FAGNANI, Eduardo. Projeto de País, Desigualdade e Poder da Desinformação. In: FPA - Fundação Perseu Abramo. **A Grande Sociedade: Qual é o projeto de desenvolvimento para o futuro do Brasil?** 2017.

FOUCAULT, Michel. Aula de 11 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População: Curso dado no College de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. ISBN: 978-85-336-2377-4. pp: 03-38.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. 288p.

FOWLER, Stephen; JOFFE-BLOCK, Jude. Minnesota shows what happens when governing and content creation merge. In: **NPR**, 16 jan. 2026. Disponível em: <<https://www.npr.org/2026/01/16/nx-s1-5675909/trump-post-online-minnesota-social-media-ice>>. Acesso em 31 jan. 2026.

GALHARDI, C. P.; FREIRE, N.P.; MINAYO, M.C.; FAGUNDES, M.C. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4201-4210, out. 2020. <<https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>>.

HOMAN, Tom. **[Entrevista concedida ao programa Fox & Friends]**. Fox News, Nova York, 11 nov. 2024. Disponível em: www.foxnews.com. Acesso em: 12 fev. 2026.

KOBORI, José. **China Venceu Porque Abandonou o Neoliberalismo**. 04 maio 2025. Entrevista ao Brasil 247. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/economia/kobori-china-venceu-porque-abandonou-o-neoliberalismo>>. Acesso em 31 jan. 2026.

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. In: **Folha de São Paulo**. 18 out. 2018.

O'NEIL, Christy. Fake News v. The First Amendment: Fox News Gets Sued for Alleged “Campaign of Deception” & Disseminating of Disinformation to Deny & Downplay the Danger of Coronavirus. In: **Syracuse Law Review**, 21 maio 2020.

ORWELL, George. **1984**: edição especial. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. 1. ed., reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. 416 p. ISBN 978-85-3593-296-6

RADACK, Jesselyn. Bradley Manning’s Conviction Sends a Chilling Message. In: **The Washington Post**, 2 ago. 2013. Disponível em: <<https://whistleblower.org/in-the-news/washington-post-jesselyn-radack-bradley-mannings-conviction-sends-a-chilling-message/>>. Acesso em 17 nov. 2025.

SILVA, Daisa Tayná. **Teoria da pós-verdade e o movimento bolsonarista**. 2023. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

WRIGHT, David; KREISSL, Reinhard. **European Responses to the Snowden Revelations: A Discussion Paper**. Increasing Resilience in Surveillance Societies. Dez. 2013. In: irissproject.eu/. Disponível em: <https://www.irks.at/en/assets/irks/Publikationen/Unterlagen/IRISS_European-responses-to-the-Snowden-revelations_18-Dec-2013_Final.pdf>. Acesso em 17 nov. 2025.

Autor:

Illyushin Zaak Saraiva

Doutor em Psicologia Social pela U.K. (2023). Mestre em Políticas Públicas pela Flacso (2023). Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia pela Unicentro-PR (2020). Professor do Instituto Federal Catarinense, Campus Luzerna.

E-mail: illyushin.saraiva@ifc.edu.br

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2461926498376384>

OrcId: <https://orcid.org/0000-0001-8818-8084>